

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda São Vicente

código
AVII - FO2 - Ita

localização
Estrada Itaperuna-Natividade, passando por Raposo

município
Itaperuna

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de gado de leite, de corte e plantio de eucalipto / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda São Vicente, casa-sede

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – abr 2009**
equipe **Vitor Caveari Lage, Jean Carlos Rabelo Ferreira e Lia Márcia de Paula Bruno**
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão / data
Thalita Fonseca – jun 2010



situação



ambiência

Partindo de Itaperuna em direção a Muriaé, através da BR-356, que liga São João da Barra (RJ) a Muriaé (MG), chega-se a RJ-214 após o trevo que leva à Estância Hidromineral de Raposo, distrito de Itaperuna.

A localidade de Raposo, conhecida pela qualidade terapêutica de suas águas com propriedades medicinais, possui rede hoteleira capacitada, feira de artesanato, a tradicional Festa do Carro de Boi e programação especial para grupos de terceira idade e para aqueles que apreciam um programa em família (f01 e f02).

A Fazenda São Vicente está localizada a 6,5 km da sede do distrito e o acesso é feito através do leito da RJ-214, que corta Raposo e segue até o município de Varre-Sai, passando por Natividade. Em uma curva bastante acentuada, avista-se o portal de entrada (f03) da fazenda, que conduz a uma aleia de *flamboyants* com bromélias e líquens nativos, embelezando sobremaneira a acolhedora propriedade (f04).

Através de um caminho pavimentado com pedras oriundas da antiga ceva, o qual é entremeado por grama e ladeado por coqueiros (f05), alcança-se a casa-sede, a antiga escola transformada em residência de um dos proprietários e uma garagem para veículos.



01



02



03



04

Prosseguindo nessa estrada, atinge-se finalmente o curral, paiol, moinho de fubá, serraria, antigo terreiro de secar café e tulha, além das ruínas do antigo engenho, que, instalados todos em uma área plana, formam o conjunto original de edificações da fazenda (f06). Nesse local, identifica-se também a banqueta que faz o transporte da água, passando por um túnel com aproximadamente 50 metros de extensão, o qual, no passado, alimentava os engenhos e fornecia energia por meio de uma turbina. Em um dos trechos da banqueta, encontra-se instalada uma pequena, porém charmosa, ponte com guarda-corpo de madeira e frondosas árvores que valorizam a paisagem (f07).

Distante da casa-sede, mas avistando-se ainda da estrada, está localizada a Capela de São Vicente de Paula (f08), construção baseada no formalismo – uma corrente do movimento modernista – seguindo o partido adotado na Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, Belo Horizonte, MG.



05



06



07



08

A casa-sede (f09) da Fazenda São Vicente, edificada sobre porão alto utilizável (f10), está dividida em dois blocos interligados através de um corredor e de uma pequena área onde está instalada a lavanderia. O acesso ocorre através de escada de madeira montada sobre o tronco de uma árvore, guarnecida por quarteirões que pertenceram à escada do antigo engenho (f11 e f12). Através dessa escada, alcança-se o alpendre, com guarda-corpo vazado, todo executado em madeira e que, apesar de ser uma intervenção recente, contribuiu para valorizar a construção (f13). Ao lado da porta principal está instalado um sino, ainda tocado por D. Marina para avisar os horários principais do dia, como o início e o término da lida, almoço, etc. (f14). No primeiro dos dois blocos que compõem o casarão está o núcleo principal e mais antigo, que abriga as áreas social e íntima. No segundo, construído por volta de 1900, as instalações de serviço. O porão recebe o escritório (f15), depósitos de materiais diversos e uma cozinha com fogão a lenha e forno, atualmente desativados (f16).



09



10



11



12



13



15



14



16

Os proprietários, anos atrás, ali preparavam, com frutas e canas plantadas na fazenda, compotas e barras de doces, além de rapadura e açúcar mascavo, feitos em antigos tachos e utensílios de cobre (f17 e f18), para abastecer docerias e confeitarias de Niterói. Esse é um dos projetos de geração de emprego e renda que os proprietários pretendem restabelecer na Fazenda São Vicente, que possui infraestrutura suficiente para participar do desenvolvimento de um turismo rural, sobretudo pela proximidade a Raposo, o maior centro turístico da região.

No primeiro pavimento, localizam-se as salas (f19 e f20), quartos (f21), suítes e uma varanda fechada (f22) – atualmente utilizada como sala de TV –, bem como o banheiro social (f23). No outro bloco – de serviço – estão a copa (f24), a cozinha e uma área onde há instalado um fogão a lenha e jogos de panelas incrivelmente areadas e resplandecentes (f25).



17



18



19



20



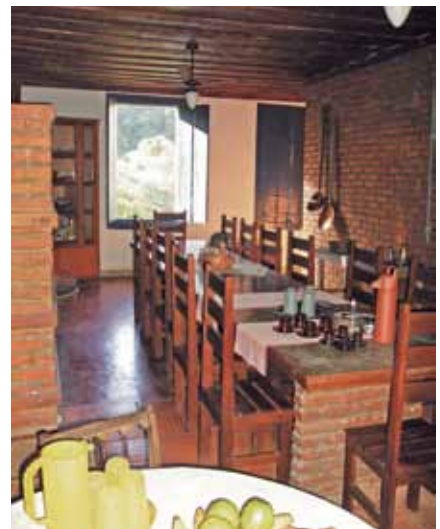
21



22



23



24



25

Junto à fachada dos fundos, foi posteriormente construída uma varanda (f26) decorada com plantas e cercada por jardins, que faz a integração entre as casas dos proprietários da fazenda (f27).

Um dos destaques da casa-sede é a sequência de janelas tipo guilhotina de caixilharia que ocupa grande parte da fachada principal (f28). Essa caixilharia corrida em sua extensão tem o objetivo de, ao mesmo tempo, proteger e ventilar o alpendre (atual sala de TV), que, sem dúvida, é dos lugares mais aconchegantes da casa. Sua construção foi projetada de modo que, no verão, o sol não penetre indevidamente, e no inverno, propicie luminosidade ao interior do alpendre (f29).

Outro detalhe interessante é a grande porta instalada na fachada dos fundos, a qual preserva, ainda em funcionamento, a primitiva fechadura com a respectiva chave de ferro fundido (f30 e f31).

O telhado é coberto por telhas do tipo capa e canal e arrematado por beiral encachorrado¹ com guarda-pó² (f32). Internamente, o forro do tipo saia e camisa foi executado em vinhático (f33).



26



27



28

¹ Peça, geralmente de madeira, que se apoia no frechal, em balanço, para sustentar o beiral do telhado.

² Forro sobreposto aos caibros composto de tábuas e abaixo das telhas.



29



30



31



32



33

Na suíte, local onde provavelmente esteve instalada uma das salas da residência, se encontram aeríferos – popularmente conhecidos na região por “suspiros” – responsáveis pela renovação do ar, e cujas aberturas encontram-se arrematadas pela moldura do forro (f34). Em um dos quartos, o aerífero possui um anteparo projetado para evitar que a poeira do forro penetre no cômodo, e este rebaixo acabou por servir de apoio para a instalação de ventilador de teto sem que o forro original precisasse ser modificado (f35).

No que diz respeito ao piso do pavimento térreo, este é forrado com assoalho do tipo paralelo (f36), confeccionado em ipê amarelo.

A sede é toda decorada com móveis e antiguidades – legado recebido das famílias dos proprietários –, os quais, mesclados às colchas, tapetes e cortinas características do artesanato mineiro, dão um toque especial à residência (f37 e f38). Há também os variados arranjos com flores desidratadas colhidas na própria fazenda (f39), como a tradicional flor-de-pau, comum na decoração das casas do interior.

O abastecimento de água tem origem na mata remanescente que, pela ação da gravidade, conduz através de canaletas a água para uma caixa – com auxílio de uma bomba, a água chega às torneiras das dependências domésticas.

Dentre as demais edificações existentes na fazenda, há o belo paiol, construído e vedado em madeira, apresentando telhado em quatro águas revestidas com telhas do tipo capa e canal e arrematadas com beiral encachorrado sob peça de madeira (f40 e f41), esta última uma espécie de simplificação do guarda-pó. Já a construção do moinho de fubá é em pau a pique, assoalhada e com telhado de quatro águas em telhas cerâmicas do tipo capa e canal (f42).



34



35



36



37



38



39



41



40



42

A tulha, uma das edificações mais recentes da fazenda, foi construída no início do século XX, quando os irmãos Ventura Lopes adquiriram a São Vicente. É uma construção térrea, com telhado de quatro águas e beiral arrematado por cachorros. Possui cunhais de tijolos cerâmicos e esquadrias enrelhadas³ (f43). Por fim, é possível reconhecer parte do que foi e onde esteve instalado, até alguns anos passados, o engenho de cana da fazenda. Além da banqueteta e do tanque em que estava estabelecida a turbina, ainda se identifica o túnel por onde corria a água que movimentava os engenhos, além de sua chaminé (f44, f45 e f46).



43



44



45



46

³ Diz-se de porta ou janela reforçadas com relhas, ou seja, com peças de madeira destinadas a evitar que as respectivas folhas se empenem.

O estado de conservação da casa-sede é muito bom, graças ao zelo dos proprietários, que conservam a edificação realizando vistorias constantes no madeiramento, no assoalho, no forro e nas esquadrias, fato que se observa na instalação de andaimes utilizados como apoio para a execução de pequenos reparos em uma das fachadas laterais (f47).

Para atender às necessidades de conforto, foram feitas algumas adaptações. No entanto, há por parte dos proprietários uma preocupação em não descaracterizar a construção. Esse fato se evidencia na utilização de materiais similares aos já existentes na edificação, como a madeira e o piso cerâmico natural no novo banheiro social (ver f23) e no portal entre as salas (f48). A escolha por materiais compatíveis mas não imitativos é sempre bem-vinda, uma vez que facilita a identificação do que é original do lugar.

Como já descrito, também foram empreendidas alterações de acréscimo, como a construção da varanda na fachada dos fundos, que, além de complementar aquela parte da construção, transformou-se no local onde a família passa grande parte do dia, sobretudo após as refeições diárias (ver f26).

As demais edificações também se encontram em bom estado de conservação. O paiol, por ter sido edificado em madeira, merece atenção especial devido ao ataque de insetos, principalmente os xilófagos (cupins). Essa construção do século XIX, cada vez mais rara na região pela dificuldade de substituição das peças de madeira, é muito interessante e remete à região sul do país onde ainda é muito comum (ver f40).

A tulha está bem conservada e atualmente funciona como depósito das peças de madeira oriundas da demolição do antigo engenho: esse material é utilizado pelo proprietário para reposição e reparos na casa-sede, além de outras benfeitorias da propriedade (ver f43). Dentre as ruínas do engenho de cana, ainda estão em perfeito estado a chaminé, a banqueta e o túnel que transporta água (ver f44, f45 e f46).

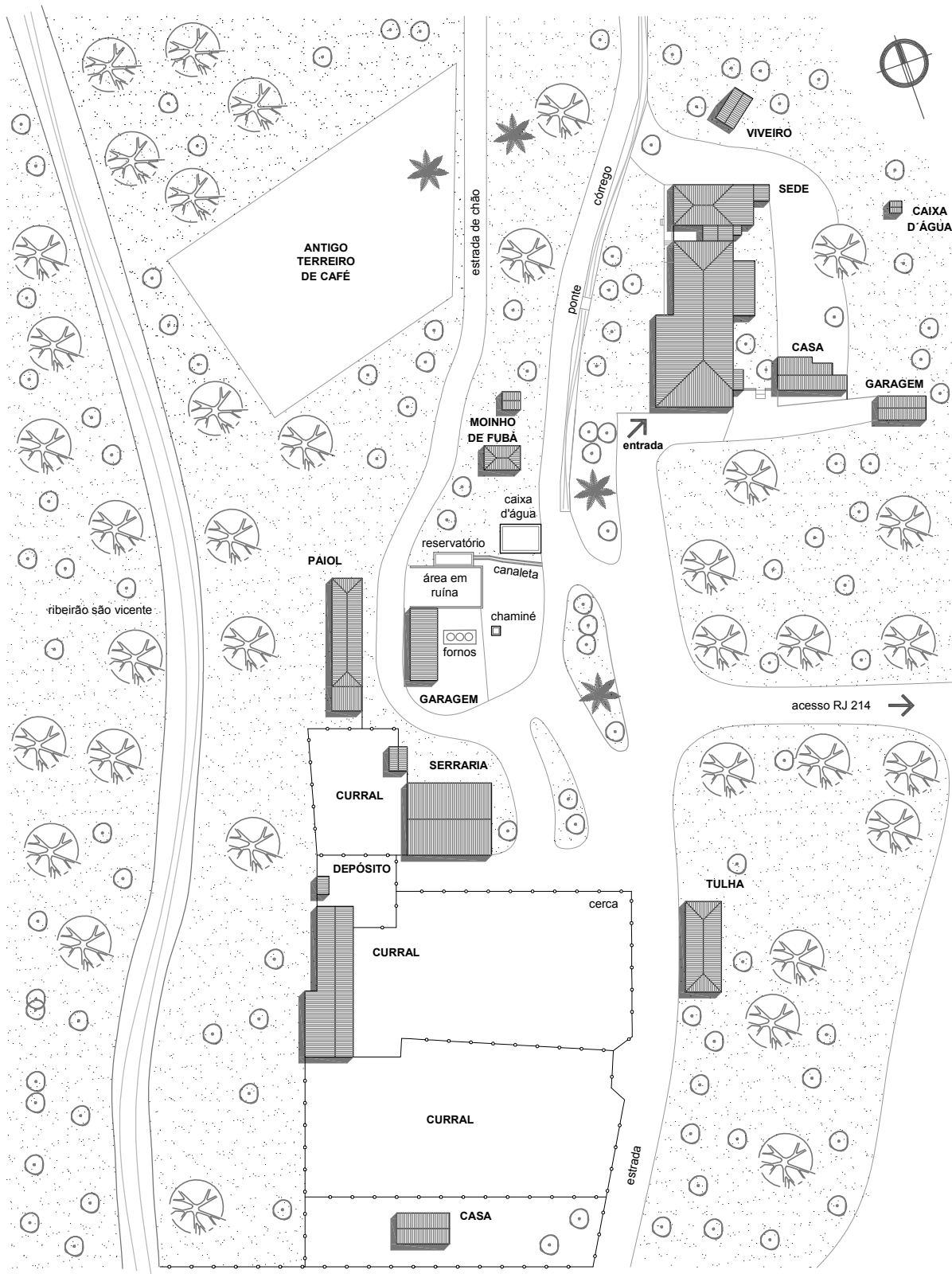


47



48

FAZENDA SÃO VICENTE



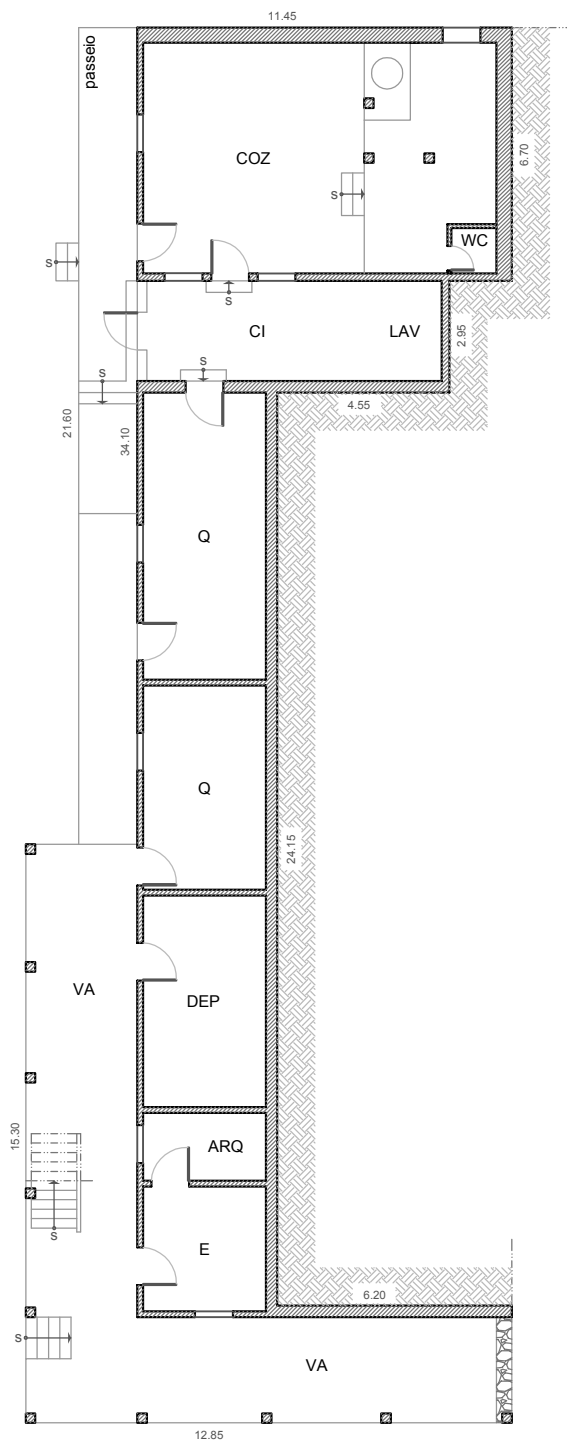
1 Implantação
escala: 1/1000



FAZENDA SÃO VICENTE

Observações:

1. A cozinha deste pavimento era utilizada como área de produção de doces caseiros (compotas, rapaduras), para venda em docerias de Niterói.



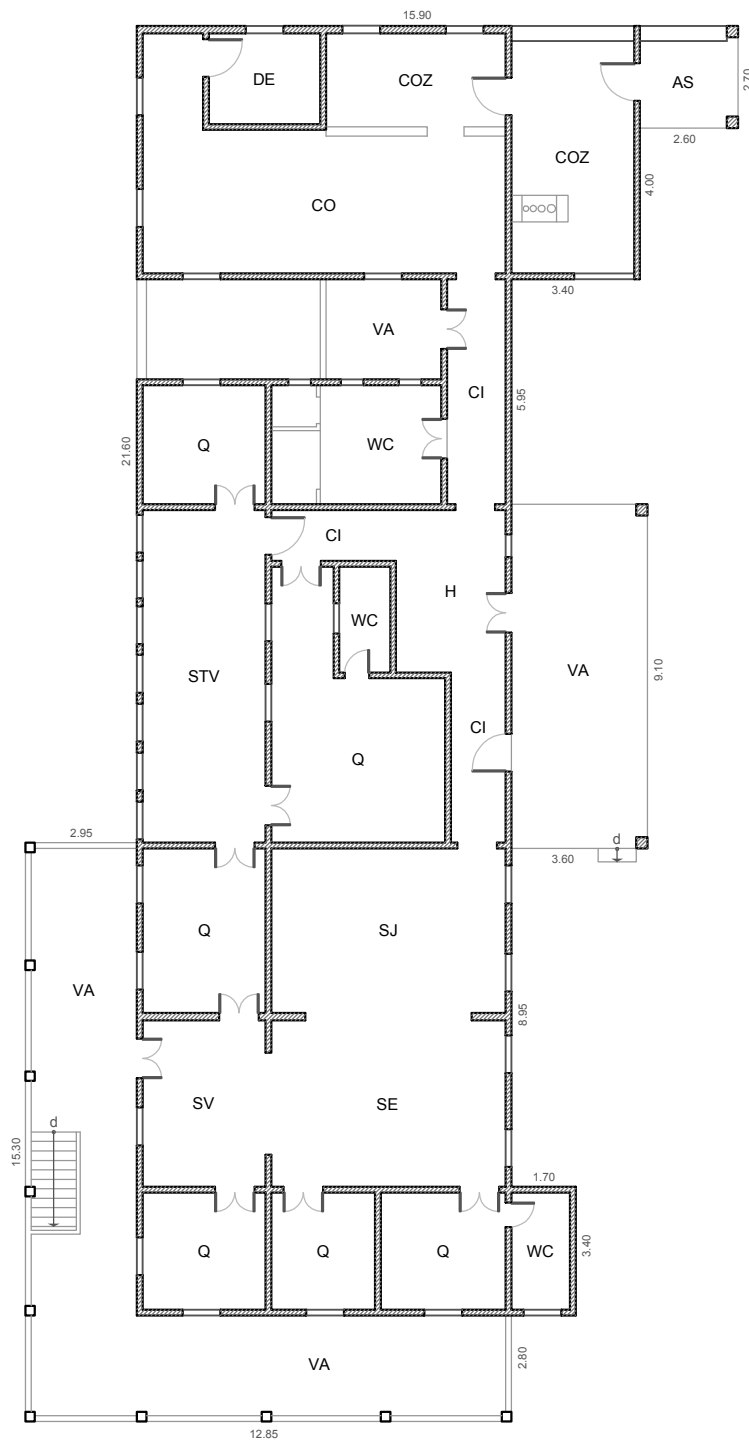
1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/200



ARQ - arquivo	CO - cozinha	E- escritório	Q- quarto	WC- banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	DEP - depósito	LAV - lavanderia	VA - varanda		alvenaria demolida

equipe: Marcelo Salim de Martino/ Vitor Caveari Lage	desenhista: Jeancarlo Rabelo Ferreira	revisão: Francyla Bousquet	data: abril 2010
---	--	-------------------------------	---------------------

FAZENDA SÃO VICENTE



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200



AS - área de serviço	CO - copa	DE - despensa	Q - quarto	SJ - sala de jantar	SV - sala de visita	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	STV - sala de tv	VA - varanda	alvenaria demolida	

De acordo com o livro *A Terra da Promissão*, a Fazenda São Vicente foi fundada pelo bandeirante José Inácio Machado. Não se sabe se a fazenda teve outros proprietários além do Sr. José Inácio e dos irmãos Francisco e Antônio Ventura Coimbra Lopes. O fato é que seus pais, José Ventura Lopes e Maria Leopoldina Coimbra Lopes, eram proprietários da Fazenda Santa Inês, situada em Paraíso do Tobias, Miracema, RJ, e de outras propriedades em São José das Três Ilhas, antigo distrito de Juiz de Fora, atualmente, distrito de Belmiro Braga, MG. Segundo informações fornecidas pelo Dr. Roberto Monteiro Ribeiro Coimbra Lopes, seus avós paternos, pais de cinco filhos, fizeram a doação dos bens situados em São José das Três Ilhas ao casal de filhos mais velhos. Aos três mais novos, Ana, Francisco e Antônio, doaram a Fazenda Santa Inês. (f49, f50 e f51).

Antônio Ventura Coimbra Lopes à frente da administração da Santa Inês conseguiu amealhar uma quantia vultosa, através da qual arrematou, na Comarca de Paraíba do Sul, a Fazenda São Vicente, então de propriedade da viúva e filhos menores, sendo a arrematação feita em seu nome – Antônio – e no de seu irmão, Francisco Ventura Coimbra Lopes, em condomínio de partes iguais. Francisco administrou a São Vicente e Antônio, a Santa Inês.

Antes de adquirirem a Fazenda São Vicente, entretanto, os irmãos Ventura estiveram em São Paulo (f52) visitando outras propriedades que estavam à venda, mas acabaram optando por ficar na região noroeste do estado do Rio de Janeiro, que, àquela época, caminhava para se tornar o maior produtor de café do Brasil. Alguns autores como Alberto Ribeiro Lamego chegam a afirmar que Itaperuna, tornou-se "(...) *com suas pequenas lavouras, o maior produtor de café do mundo. Porque enquanto Ribeirão Preto, com muito maior população, levanta 32.000.000 de pés, a sua cifra ascende a 52.000.000.*"¹ (1996-p.126).

Ainda de acordo com o Dr. Roberto, seu pai, o cap. Antônio Ventura Coimbra Lopes, na ocasião em que foi ao município de Paraíba do Sul passar a escritura e efetuar o pagamento da compra da Fazenda São Vicente, percebeu que, ao abrir a mala com o dinheiro, havia atraído a atenção de curiosos que se juntavam na porta do cartório e o questionavam como poderia um homem tão jovem ter acumulado tanto dinheiro.

A Fazenda São Vicente, segundo relato de seus proprietários, foi instalada numa área de charques, com altos índices de impaludismo (malária) e febre amarela. Um dos primeiros atos de Francisco foi realizar a drenagem dos charques, direcionando a água para o Rio Muriaé, e, nessa mesma época, começar o desmatamento da propriedade com a derrubada das matas, com exceção de uma velha lavoura de café, iniciada por volta de 1870. Ao se apossarem das terras, verificou-se que a São Vicente estava sem estradas e fez-se necessária a contratação de 126 homens para abrir caminho em direção a Laje do Muriaé, passando por Comendador Venâncio, onde o café e a madeira eram embarcados na estação ferroviária de mesmo nome. Para trabalhar na Fazenda São Vicente, os proprietários trouxeram famílias de colonos de São José das Três Ilhas, cujas terras encontravam-se exauridas e os mesmos em extrema miséria.

A Fazenda São Vicente era muito organizada. Tudo era mantido em seus devidos lugares, como a plantação de hortas e cereais e a criação de animais em locais apropriados, visando sempre a proteção dos cafezais contra possíveis pragas e danos. Para os colonos, havia um regulamento que era assinado por eles e pelo proprietário após escolha da modalidade que melhor se adequasse às suas necessidades e condições (f53). Este regulamento era impresso e afixado em locais de grande circulação como o escritório.



Casa-sede e dependências da Fazenda São Vicente, 1934. Acervo da fazenda



Trecho da lavoura de café na Fazenda São Vicente, 1934. Acervo da fazenda

50



Trecho da lavoura de café na Fazenda São Vicente, 1934. Acervo da fazenda

51



Francisco e Antônio Ventura Coimbra Lopes no Jardim da Luz, São Paulo, 29/09/1920. Acervo do Dr. Roberto Monteiro Ribeiro Coimbra Lopes

52



Regulamento da Fazenda São Vicente – Impresso. Acervo da fazenda

53

O regulamento determinava a forma como o pé de café seria plantado (tamanho da cova, bitola, capina, etc.) e discorria sobre as obrigações da fazenda, como a assistência que daria aos colonos no tocante a moléstias, pagamentos a tempo e a hora, adiantamentos necessários, aluguel de pastos para os animais dos colonos, cessão de casas para morada e “*regalias e vantagens aos que forem corretos e trabalhadores*”. Dispunha, ainda, de cláusula sobre as obrigações dos colonos, como evitar furtos, bebedeiras e questões, não realizar festas e bailes sem a autorização do proprietário, não desperdiçarem tempo e trabalharem para a fazenda quando solicitados. A fazenda dispunha de 353 alqueires de terras, sendo grande parte em matas nativas (f54). Dessa área, os irmãos Ventura desmembraram 50 alqueires e formaram, com a construção de sede, tulha e curral, a Fazenda do Sertão para a irmã Ana, condômina da Fazenda Santa Inês, ficando os irmãos Francisco e Antônio em igualdade de condições na Santa Inês e na São Vicente. Esta situação se manteve até 22 de setembro de 1936, quando Francisco e Antônio dissolveram o condomínio, ficando Antônio com a Santa Inês e Francisco com a São Vicente. A São Vicente foi uma das maiores fazendas produtoras de café e cereais da região, motivo pelo qual a propriedade foi escolhida para uma visita do interventor federal, comandante Ary Parreiras, que estava em Itaperuna e queria conhecer as ricas lavouras de café. Nessa mesma ocasião, partiu de Miracema uma comissão de separatistas, liderados por Antônio Ventura Coimbra Lopes, para reiterar o pedido da emancipação política e administrativa do então segundo distrito de Santo Antônio de Pádua.



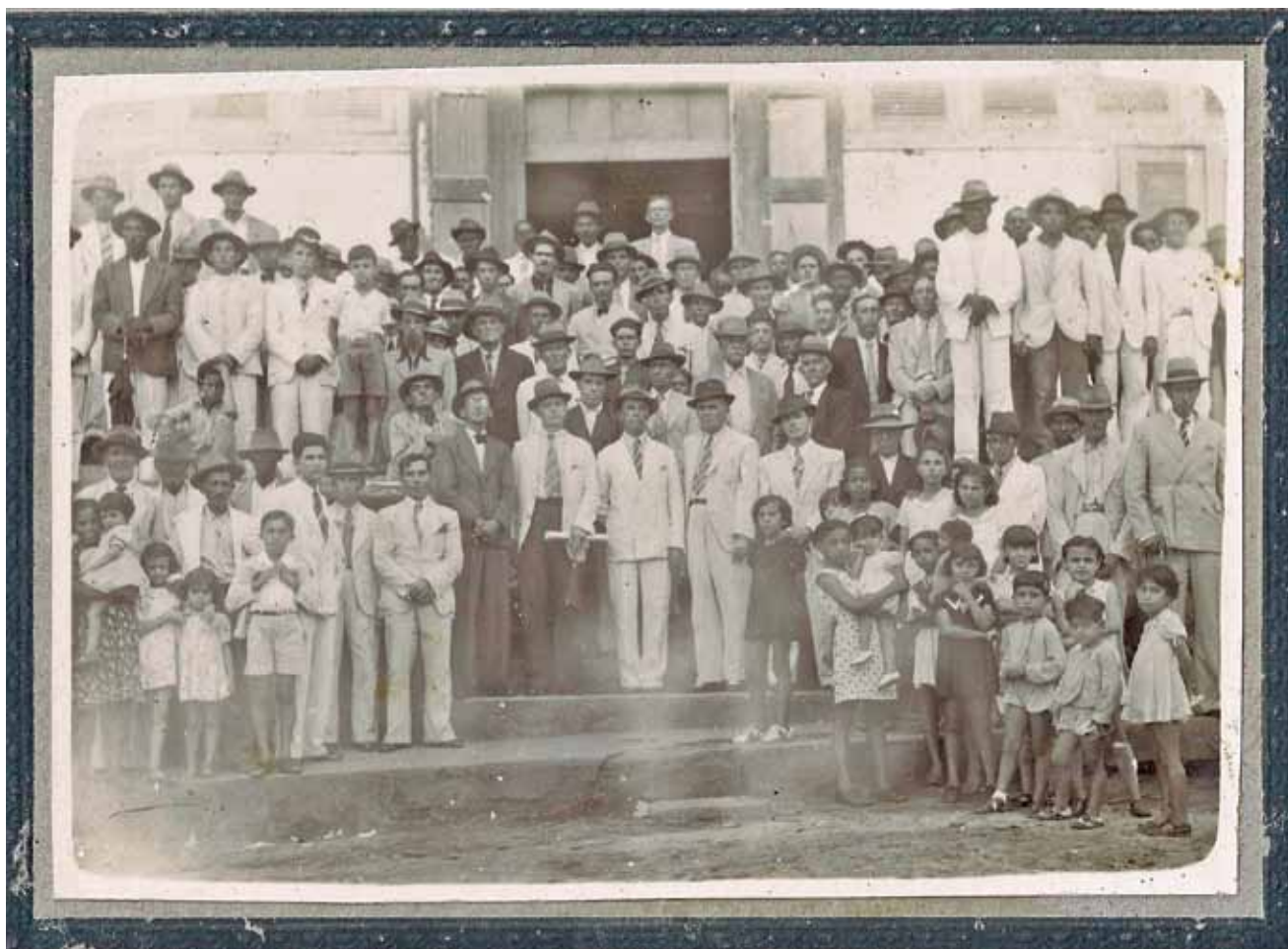
Lavoura de café da Fazenda Sertão, 1928. Acervo da fazenda

Uma curiosidade é relatada pelo Dr. Roberto quando do falecimento de sua avó, D. Maria Leopoldina, mãe dos irmãos Ventura, que residia nessa fazenda. Na época de seu óbito, enquanto o corpo era velado, formou-se uma fila com centenas de pessoas da colônia que, ao passar pela urna, beijavam os pés da falecida. Chegando à fazenda para participar dos funerais da mãe, o Sr. Antônio Ventura deparou-se com a cena e, não compreendendo o que acontecia, tentou impedir que os demais fizessem o mesmo, mas foi interrompido por um dos moradores, pedindo que permitisse que continuassem com o cortejo, pois se tratava da última homenagem que prestavam à sua protetora. De acordo com o depoimento dos integrantes da colônia à época, D. Maria Leopoldina percorria as casas, uma a uma, providenciando e suprimindo todas as faltas dos moradores da Fazenda São Vicente.

A cultura do algodão foi introduzida como alternativa para driblar a crise iniciada em 1929, provocada pela queda da Bolsa de Nova Iorque, que arruinou a economia brasileira, e também, como não poderia deixar de ser, a de Itaperuna, que, nessa época, produzia 2.000.000 de arrobas e era o maior município produtor de café do Brasil. Vale lembrar que Natividade, Porciúncula, Bom Jesus do Itabapoana e Laje do Muriaé eram, nesse período, distritos de Itaperuna.²

Nesse intervalo, foi introduzida também na São Vicente a chamada “lavoura branca” (arroz, milho e feijão) e a pecuária leiteira, que começava a ser introduzida na região, motivada pela fundação da Cooperativa Agropecuária de Natividade, realizada em 22 de janeiro de 1939 (f55).

Outra atividade a que se dedicava Francisco Ventura era junto ao *Jornal Brasil Novo*, de Itaperuna, no qual publicou diversos artigos, sobretudo no período em que foi instaurado no Brasil o Estado Novo. Alguns desses artigos defendiam os lavradores, conclamando-os para se unirem e cooperarem na questão da escassez da mão de obra; outros sugeriam a criação de taxas visando a conservação das estradas, ou lamentando o êxodo da população rural do município.



Fundação da Cooperativa de Natividade, 22/01/1939. Acervo da fazenda

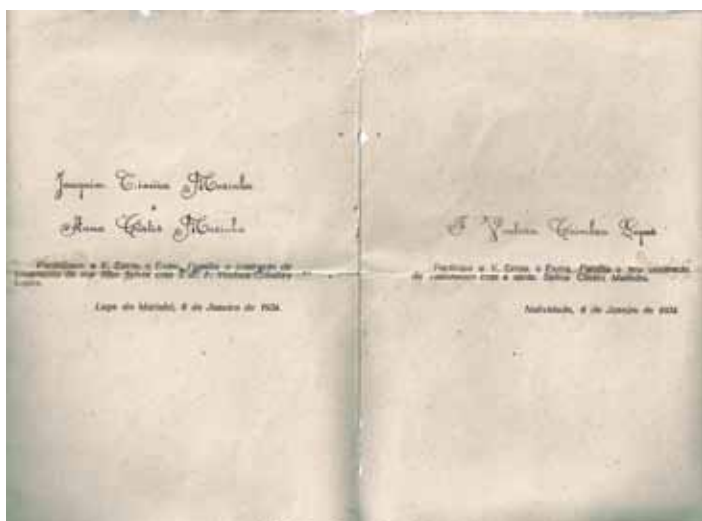
Francisco se casou com Sylvia Marinho Lopes (f56 e f57), de Laje do Muriaé, e tiveram três filhos: Dilma, Rogério e Vera. Faleceu precocemente em 1942, deixando viúva e os três filhos muito jovens, mas que mesmo assim mantiveram a unidade da fazenda até o casamento das filhas, cabendo ao filho Rogério, na divisão dos bens, a sede e as demais benfeitorias.

Durante a administração de Rogério Marinho Lopes, as desavenças e as brigas entre colonos eram resolvidas com a prática do esporte, sobretudo, com a formação de times de futebol. A escola da fazenda, a essa época, possuía ensino regular diurno e supletivo.

As noites frias de festas eram aquecidas e alegradas com danças como o calango, muito popular em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. O calango é uma espécie de canto e baile que podem ser realizados juntos ou separadamente. *“A dança é em ritmo quaternário, dois por quatro, par enlaçado e sem complicações coreográficas, repetindo os passos do comum samba urbano ou do antigo tango ou tanguinho carioca. No calango cantado o solista diz quadrinhas e o coro repete o refrão. O instrumento comum é a sanfona antiga, de oito baixos.”*³.

Além deste, o jongo da Maria Romana, moradora da fazenda e mestra na arte do caxambu, introduzido nas fazendas pelos escravos africanos, consiste numa dança de roda, de cujo centro o solista puxa o ponto, enquanto os demais integrantes respondem movimentando a roda. A indumentária é do tipo “baiana”, geralmente, confeccionada em chitão. Os instrumentos são dois tambores conhecidos como “tambú” ou “caxambu” e “candongeiro” e de uma cuíca feita de tonel de vinho ou cachaça. A dança é desenvolvida individualmente no centro da roda. Está presente ainda hoje em diversos municípios da região.

Atualmente, a Fazenda São Vicente é administrada por D. Marina Ventura e por seu filho Antônio Rogério Côrtes Ventura Júnior, que, com muita criatividade e bom gosto, procuram manter na propriedade as tradições familiares e o bem viver da vida na roça, enquanto analisam a viabilidade de um projeto que devolva a São Vicente a importância econômica e social que teve durante o apogeu do café na região noroeste fluminense.



Comunicação do contrato de casamento de Francisco Ventura Coimbra Lopes, em 8/01/1934. Acervo da fazenda 56



Casamento de Sylvia e Francisco Ventura Coimbra Lopes, 1934. Acervo da fazenda 57

Bibliografia:

¹ LAMEGO, Alberto Ribeiro. *A Planície do Solar e da Senzala*. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro/Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2ª edição, 1996.

² HENRIQUES, Porphírio. *A Terra da Promissão – História de Itaperuna*. Obra póstuma. Gráfica e Editora Aurora. Rio de Janeiro, 1956.

³ CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Ediouro, 1972.

Revista UNICIDADES – Revista do Noroeste Fluminense Ano 2, setembro de 2009.

Acervo da Fazenda São Vicente.

Acervo do Dr. Roberto Monteiro Ribeiro Coimbra Lopes. Miracema, RJ.